

O que houve com a Frequência Escolar entre 15 a 17 anos?: Fluxo e Motivação

Marcelo Neri

Luis Felipe Batista de Oliveira

2012

NERI, Marcelo C.

OLIVEIRA, Luis Felipe B.

"O que houve com a Frequência Escolar entre 15 a 17 anos?: Fluxo e Motivação" (Marcelo Neri, Luis Felipe Batista de Oliveira), Rio de Janeiro, RJ – 2012 - FGV Social – 11 páginas.

As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getulio Vargas, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da FGV. Portaria FGV Nº19.

O que houve com a Frequência Escolar entre 15 a 17 anos?: Fluxo e Motivação

Marcelo Neri – Presidente do Ipea

Luis Felipe Batista de Oliveira – Técnico da DISOC/IPEA

1. INTRODUÇÃO

A nova Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios (PNAD), referente ao ano de 2011, trouxe diversos avanços em áreas relativamente estagnadas como cobertura de esgoto e analfabetismo. A principal preocupação ensejada nos debates diz respeito a redução da frequência escolar da população jovem. Este movimento é particularmente útil ao Todos pela Educação dada a meta de universalização do ensino na faixa entre 4 e 17 anos.

Esse texto endereça a queda da frequência escolar bruta entre os jovens de 15 a 17 anos, a natureza das mudanças, sua permanência e suas causas objetivas e subjetivas. Ele está organizado em três seções. Na segunda seção, a principal do artigo, trabalhamos com dados da PNAD na tentativa de entender o que houve com a frequência bruta dos estudantes na faixa etária de interesse e seus determinantes objetivos. Na seção 3 usamos a Pesquisa Mensal do Emprego (PME) para testar a robustez das tendências observadas, sua continuidade até 2012 e o aumento da frequência aos cursos profissionalizantes como agente de mudanças. Na quarta seção lançamos dados de Suplemento Especial da PNAD sobre Educação acerca das motivações para a frequência escolar de forma a compreender aspectos subjetivos inerentes a evasão na faixa de 15 a 17 anos. Nossas principais conclusões são relatadas brevemente na última seção do documento.

2. CAUSAS OBJETIVAS DA QUEDA DA FREQUÊNCIA ESCOLAR BRUTA

O processo de universalização do acesso às escolas entre as crianças de 7 a 14 anos no Brasil segue uma trajetória que já dura décadas, sobe de 97,1% para 98,5% entre 2004 e 2011. Esse avanço também é encontrado entre os alunos de 15 a 17 anos de 81,8%

em 2004 para 83,7% em 2011, mas com um retrocesso de 1,5 p.p. a partir de 2009 quando a mesma atingia 83,7%.

Notem que concomitante com a queda na frequência bruta entre os maiores de 15 anos, é cada vez maior o número de estudantes na etapa correta de ensino, cuja proporção sobe de 50,9% para 51,6% entre 2009 e 2011. Entre os adolescentes de 15 a 17 anos, o percentual de alunos que ainda frequentava o EF era de 34,6% em 2004 e foi reduzido para 31,9% em 2009 e 29,4% em 2011.

Tal melhoria no fluxo é percebida com nitidez nos indicadores de distorção idade-série, sobretudo no ensino médio. Como esperado, essa etapa possui uma distorção mais alta, por possuir alunos que estão no sistema educacional há mais tempo. A média de anos fora da idade correta para a série cursada reduziu de 2,84% em 2004 para 2,21% em 2009, caindo para 1,96 em 2011. Assim, houve grande redução no percentual de distorcidos do ensino médio, passando de 42,1% em 2004 para 32,9% em 2009 e 29,8% em 2011. Em particular note a queda entre 2009 e 2011.

Esses dados comprovam que o ensino fundamental possui um efeito de seleção para a etapa seguinte. Isso se dá de tal forma que, dada a pouca evolução nos indicadores de distorção no EF, um ensino médio com currículo extenso e sem aparente aplicação prática, as sucessivas quedas nos prêmios salariais para trabalhadores mais qualificados e o mercado de trabalho aquecido, sobram menos estímulos para se cursar a etapa seguinte ou existem incentivos para se adiar os estudos.

Assim, as melhorias recentes do Ensino Médio acabam sendo auferidas pelos que ainda permanecem interessados: os jovens de 15 a 17, na idade correta e com retornos claros, nos horizontes de suas vidas, quanto aos ganhos de continuarem investindo na ampliação de suas dotações de capital humano. Esse público representa um pouco mais da metade da população nessa faixa etária e vem crescendo. Por outro lado, ainda representa muito menos do que é socialmente desejável.

Ou seja, diante do que se viu até o momento, a queda de 1,5 p.p. na frequência escolar bruta entre 15 e 17 anos pode ser explicada tanto por melhorias no fluxo, quanto por outros fatores sempre levantados como mercado de trabalho. O percentual de jovens com ensino médio completo cresceu entre os alunos adiantados, entre 15 e 17 anos.

Esse último público, atualmente representa cerca de 3,6% dos indivíduos desta faixa. Por simplesmente estarem adiantados, acabam sendo responsáveis por uma parte da diminuição da frequência bruta entre os jovens de 15 a 17 anos. Isso porque, descontado, aqueles que já possuem o diploma de ensino médio completo, a taxa de

frequência bruta diminuiria 0,5 p.p., entre 2009 e 2011. Isso é três vezes menor do que o indicador que incorpora os que já possuem EM.

Em suma, entre os jovens de 15 a 17 que frequentam algum estabelecimento de ensino, ainda permanece um processo de troca e melhoria no tipo de curso frequentado. Como desejado, há uma diminuição de 2,2 p.p. daqueles que frequentam o ensino fundamental, um acréscimo de quase 2,0 p.p. dos que cursam o ensino médio e até mesmo uma elevação daqueles que cursam algum curso superior. Todos esses fatores corroboram a melhoria do fluxo comentada¹.

Assim sendo, decompor a queda da taxa de frequência bruta em seus possíveis determinantes é essencial. A frequência bruta entre os jovens de 15 a 17 anos caiu 1,46 p.p.. Porém 1,19 p.p. podem ser atribuídos a pura melhoria de fluxo. Ou seja, por jovens que estão entre 15 e 17 anos com ensino médio completo, aguardando o próximo passo. Isso explica mais de 80% da queda de frequência bruta. A menor parte é explicada por aqueles que desistiram de completar seus estudos, sendo responsáveis por 0,27 p.p. – ou apenas 18,5% da queda da frequência nessa idade.

Ou seja, como esperado, a maior parte dos alunos entre 15 e 17 anos não possui o EM completo. Entretanto, as recentes melhorias de fluxo, apresentadas anteriormente, engrossaram as estatísticas de alunos adiantados. Esse grupo, embora cada vez maior, representa apenas 3,6% dos jovens de 15 a 17 anos. Mesmo assim, são capazes de explicar a maior parte da recente queda da frequência bruta nessa faixa etária.

3. MONITORAMENTO VIA PME

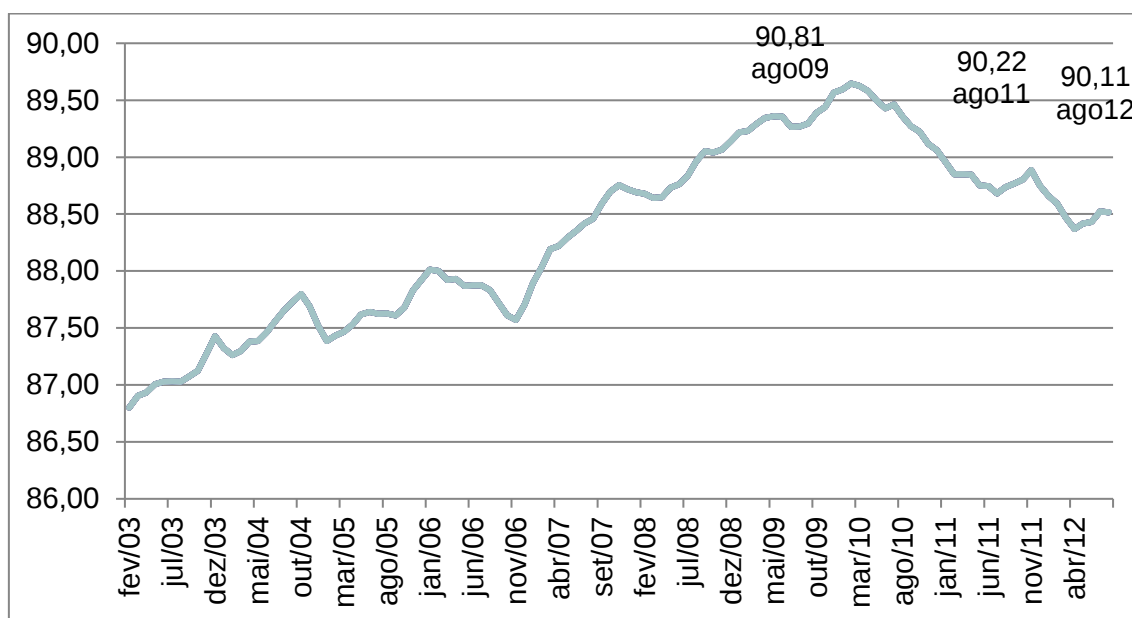
A Pesquisa Mensal do Emprego embora raramente seja usada para tratar de assuntos educacionais possui características similares a PNAD para a faixa acima de 10 anos de idade. A desvantagem é a sua cobertura restrita as seis principais áreas metropolitanas brasileiras. A vantagem é a maior atualidade da informação. Ela, por exemplo, nos permitiu antecipar, já nos idos de 2009, o aumento da frequência escolar entre 15 e 17 anos observada de 2007 a 2009 que só foi constatada pela PNAD lançada

¹ Ampliando essa observação para as questões envolvendo o mercado de trabalho e a possibilidade de se ausentar da escola. As boas notícias são várias. Aumentou o percentual de adolescentes, entre 15 e 17 anos, que se dedica exclusivamente aos estudos de 57,3% para 60,4%. Concomitantemente, houve redução dos que estudam e procuram emprego, dos que estudam e trabalham, dos que apenas trabalham, dos que trabalham e estudam. Já entre aqueles que não trabalham e não estudam, houve um aumento de 1,6 p.p. entre aqueles que, além disso, sequer procuram emprego.

em setembro de 2010. A redução da defasagem média de um ano e meio na PNAD para um mês no caso da PME é fundamental para o monitoramento de políticas públicas. No caso do episódio relatado, houve a criação do Benefício Variável Jovem aos beneficiários do Bolsa Família de 16 e 17 anos.

Similarmente, apontamos abaixo dados de frequência escolar bruta para agosto de 2012 portanto 12 meses além da última PNAD recém-lançada. A notícia preocupante é que a frequência bruta não é revertida entre agosto de 2011 e 2012, mas continua sua trajetória de queda passando de 90,22% para 90,11%. Vale a pena reproduzir a análise acima de forma a analisar os determinantes da continuidade da queda da frequência bruta.

Frequência Escolar Bruta de 15 a 17 anos - média móvel 12 meses



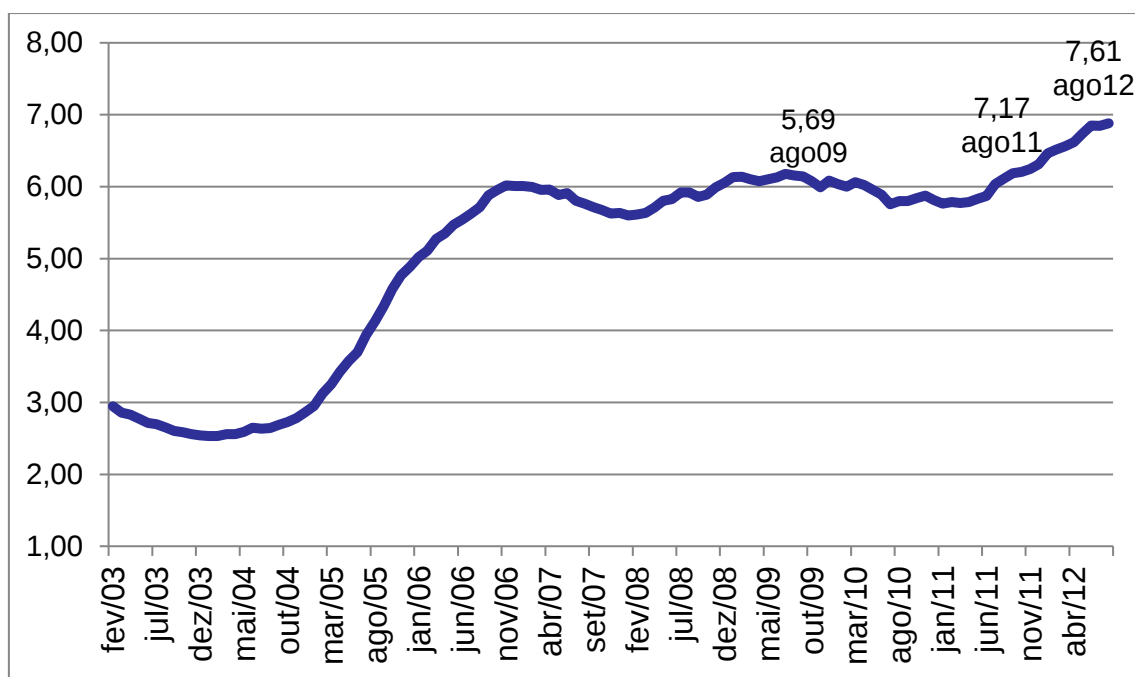
Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PME/IBGE

A literatura recente tem apontado a importância do crescimento do fenômeno apelidado de “nem nem”, referente ao aumento da frequência de estudantes que não estudam e não trabalham. Outra possibilidade oferecida pela PME é analisar de forma concomitante a educação regular e a profissional. Os dados mostram um avanço não desprezível na frequência destes cursos de 2,56% entre abril de 2004 para 6,88% em agosto de 2012, correspondendo a um incremento de 169% no período. O salto derradeiro se deu de 2,56% para 5,96% entre abril de 2004 e 2007 (vide www.fgv.br/cps/senai e www.fgv.br/cps/proedu).

Depois de um período de estabilidade, pós 2007, há um avanço já no período mais próximo a comparação entre as duas últimas PNADs. A taxa de frequência em cursos profissionalizantes sai de 5,69% em agosto de 2009 chegando a 7,17% em 2011. Note o novo salto em curso na cobertura do ensino profissionalizante, chegando a 7,61% em agosto de 2012.

Tiramos um par de lições a partir do processamento dos dados da PME, a saber: A confirmação das trajetórias apontadas na PNAD, incluindo o incremento da evasão recente e a extrapolação desta tendência que será apontada na próxima PNAD, de 2012. Em segundo lugar, o avanço da frequência em cursos não regulares de natureza profissionalizante de 169% entre 2004 e 2012, na faixa etária de interesse, incluindo um novo salto observado, entre 2009 e 2011, e entre essa última e a próxima, referente a 2012.

Frequência em Cursos de Educação Profissional de 15 a 17 anos (%):
,média móvel 12 meses



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PME/IBGE

4. MOTIVOS DA EVASÃO

O suplemento de educação da PNAD 2006 permite enxergar as motivações daqueles que estão fora da escola até os 17 anos de idade, e iluminar o foco e o desenho das políticas a partir das necessidades e percepções de quem toma a decisão de ir, ou não, à escola. Apresentamos evidências objetivas de alguns aspectos subjetivos associados à evasão escolar estudados em projeto nosso em parceria com o Todos Pela Educação e outras entidades (www.fgv.br/cps/tpemotivos e Neri (2009)). Falamos aqui de perguntas diretas tais como: por que o jovem de determinada idade não frequenta a escola? É por que tem que trabalhar para o sustento da família, por que não tem escola acessível, ou simplesmente por que ele não deseja o tipo de escola que aí está?

Propomos o estudo das causas da evasão a partir de três tipos básicos de motivações, a saber: A primeira é a miopia ou desconhecimento dos gestores da política pública restringindo a oferta de serviços educacionais. Outra é a falta de interesse intrínseco dos pais e dos alunos sobre a educação ofertada, seja pela baixa qualidade percebida ou por miopia ou desconhecimento dos seus impactos potenciais. Uma terceira é a operação de restrições de renda e do mercado de crédito que impedem as pessoas de explorar os altos retornos oferecidos pela educação no longo prazo. Senão vejamos: i) Dificuldade de acesso a escola (10,9%); ii) Necessidade de trabalho e geração de renda (27,1%). iii) Falta intrínseca de interesse (40,3%). iv). Outros motivos (21,7%). A composição das respostas válidas tomadas a valor de face sugere que os três grupos de motivos aventados explicam quase 80% da totalidade das respostas. O que se destaca nestes são os dois elementos ligados à falta de demanda por educação, que respondem por 67,4% das motivações apresentadas contra 10,9% das deficiências de oferta alegadas.

No âmbito da demanda, há que se distinguir a falta de interesse intrínseca, talvez por desconhecimento dos prêmios salariais oferecidos pela educação, com 40,3% contra 27,1% da necessidade de trabalho e renda. Esta última motivação seria consistente com a operação de restrições de liquidez enfrentada pelos jovens e suas famílias. Isso sugere a prescrição de políticas de afrouxamento desta restrição, como oferta de crédito educativo, concessão de bolsas ou de transferências de renda condicionadas. De toda forma, este tipo de política teria, segundo os dados, um potencial limitado a menos de um terço das pessoas de 15 a 17 anos que estão fora da escola. É preciso, portanto, aumentar a atratividade da escola.

5. CONCLUSÕES

Este texto analisou a evolução e as causas da evasão escolar na faixa de 15 a 17 anos usando um conjunto de bases de dados que nos permitiram chegar as seguintes conclusões:

- i) A redução da frequência escolar bruta na faixa de 15 a 17 anos a partir de 2009 não foi observada na frequência líquida, que segue a tendência de alta e, na verdade, a melhora dos fluxos explica a maior parte da queda do conceito bruto, senão vejamos. A frequência bruta entre os jovens de 15 a 17 anos caiu 1,46 p.p. entre 2009 e 2011 sendo 1,19 p.p. atribuídos por pura melhoria de fluxo. Isso explica mais de 80% da queda de frequência bruta. A menor parte 18,5% da queda da frequência nessa idade é explicada por aqueles que desistiram de completar seus estudos.
- ii) O processamento dos dados da PME confirma as trajetórias apontadas na PNAD incluindo o incremento da evasão recente e a extrapolação desta tendência que será apontada na próxima PNAD, a de 2012. Em segundo lugar, o avanço da frequência em cursos não regulares de natureza profissionalizante de 169% entre 2004 e 2012, na faixa etária de interesse, incluindo um novo salto observado, entre 2009 e 2011, e entre essa última e a próxima, referente a 2012. Ou seja, a queda da frequência bruta veio para ficar pelo menos até 2012 e ela veio acompanhada por crescimento de cursos profissionalizantes, o que sugere a busca de outros caminhos por aqueles elegíveis pela faixa etária ao ensino médio.
- iii) O suplemento de educação da PNAD permite endereçar os motivos daqueles que estão fora da escola entre 15 e 17 anos de idade a partir de perguntas diretas feitas aos próprios. O que se destaca nas causas subjetivas são os dois elementos ligados à falta de demanda por educação, que respondem por 67,4% das motivações apresentadas contra 10,9% das deficiências de oferta alegadas, sendo o restante por motivos residuais. No âmbito da falta de demanda, há que se distinguir os 27,1% da necessidade de trabalho e renda que pode ser endereçada por políticas de financiamento educacional, bolsas de estudo e Bolsa Família, dos 40,3% associados a falta de interesse intrínseca. Esta

última é a motivação mais forte da evasão alegada pelos próprios jovens, talvez por desconhecimento dos prêmios oferecidos pela educação. É preciso, portanto, aumentar a atratividade da escola aos olhos dos jovens de 15 a 17 anos.

REFERÊNCIAS

NERI, M. C. O Paradoxo da Evasão e as Motivações dos Sem-escola In: **Educação Básica no Brasil: Construindo o País do Futuro**.1 Rio de Janeiro, Henriques R. et all (org.): Campus-Elsevier, 2009, v.1, p. 25-50.



Praia de Botafogo, 190, Sala 1501 - CEP: 22250-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3799-2320 / E-mail: fgvsocial@fgv.br
www.fgv.br/fgvsocial